

AS PRÁTICAS DE PASSEIOS MEDIADOS E SUAS POTENCIALIDADES NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Amauri Celso Martins da Costa¹, Denise Miréle Kieling²

RESUMO

Este ensaio busca mostrar a importância de passeios ou visitas mediadas como uma potente ferramenta pedagógica de educação não formal, tanto no ambiente físico quanto no digital. O artigo procura traçar um panorama deste tipo de vivência enquanto prática viável nos processos de aprendizagem e ampliação do olhar para aquilo que nos cerca, por meio do estímulo à participação do indivíduo nas relações sociais, políticas e econômicas. Para isso, e dado que diferentes áreas de estudo produziram conhecimento sobre estas práticas, serão apresentados alguns conceitos sobre a fisiologia da memória, história, antropologia, educação não formal, ócio, lazer e turismo, bem como o cenário que envolve a transposição desses conceitos para um mundo em constante evolução digital, a fim de compor as premissas para confirmar as potencialidades desta modalidade de ensino-aprendizagem, que, se não ausente, é ainda pouco praticada por diferentes instituições culturais e de ensino.

Palavras-chave: Mediação. Visita. Passeio. Educação Não Formal.

ABSTRACT

The present study aims to elucidate the importance of mediated tours or guided visits as a powerful pedagogical tool for non-formal education, in both the physical and digital environments. The article seeks to provide an overview of this type of experience as a viable practice in the learning process and broadening the view of our surroundings, by encouraging individual's participation in social, political and economic relations. For that purpose, and given that different areas have produced knowledge about these practices, some concepts will be presented on the physiology of memory, history, anthropology, non-formal education, leisure and tourism, as

-
- 1 Bacharel em Comunicação Social (Universidade Metodista-SP), com especialização em Jornalismo Cultural (Universidade Metodista-SP) e em Gestão Cultural: cultura, desenvolvimento e mercado (Senac-SP). Atualmente integra a equipe de programação do Sesc Digital. E-mail: amauri.costa@sescsp.org.br.
 - 2 Bacharel em Turismo (ECA/USP), com especialização em Administração em Turismo e Hotelaria (FGVSP) e em Gestão Cultural (CPF/Sesc-SP). Atualmente coordena o setor de Programação do Sesc Jundiaí. E-mail: denise.kieling@sescsp.org.br.

well the scenario that concerns the transposition to a constantly evolving digital world; in order to compose the premises to confirm the potential of this teaching-learning modality, which, if not absent, is still little practiced by different cultural and educational institutions.

Keywords: Mediation. Guided Visits. Outing. Non-Formal Education.

INTRODUÇÃO

O desejo de sair pelo mundo sempre esteve presente na humanidade. Mesmo sem a certeza do destino final, havia a busca por aventuras, encontrar outras pessoas, conhecer novos lugares. E foi durante essa caminhada que conseguimos ampliar o conhecimento sobre o que nos cerca e, por fim, conhecer melhor a nós mesmos.

Até hoje, viajar é sinônimo de dias felizes e novas experiências. Está inculcado em nós esse sentimento e desejo ancestral de nos movermos.

Porém, mesmo com o aumento vertiginoso de deslocamentos humanos nas últimas décadas, o apelo comercial e o mero consumo tendem a massificar e simplificar essa experiência, e uma rica oportunidade de aprendizado se perde. E aprendizado aqui não se restringe apenas ao ambiente escolar, mas nos remete a uma leitura mais abrangente de mundo, que possibilite ao indivíduo aprimorar a sua percepção da realidade.

Ao nos aprofundarmos em conceitos de diferentes áreas do conhecimento, será possível demonstrar a potência prática das visitas e passeios mediados com fins pedagógicos, inclusive a de preparar o indivíduo para protagonizar suas próprias experiências. É necessário ainda garantir um ambiente seguro, físico e emocionalmente, e focar no aprendizado prazeroso, permitindo ao sujeito diferentes olhares e chegar a suas próprias conclusões.

Deve-se ressaltar que deslocamentos possuem diferentes distâncias, e todas elas interessam. Dependerá de como serão aproveitadas.

Por fim, serão demonstradas as vivências possíveis por meios tecnológicos e digitais, que funcionam como um instrumento qualificado de informações e acessos, potencializador da aprendizagem. Essas iniciativas virtuais, se não substituem a experiência vivida, ajudam a amplificá-la, além de permitir acesso praticamente irrestrito a um grande número de instituições culturais e locais históricos.

E TUDO COMEÇA NA NOSSA MENTE: MEMÓRIA, CÉREBRO E EXPERIÊNCIA

A memória, à luz da psicologia, é considerada um processo cognitivo básico, assim como a atenção, a percepção, a consciência, a inteligência, a motivação ou a emoção — todos esses elementos operando em conjunto.

Será apresentado, sinteticamente, o funcionamento da memória e sua intrínseca relação com a emoção, deflagrada pela experiência. De acordo com autores de manuais de psicologia (FELDMAN, 2015; MAYERS, 2015), a memória é o processo pelo qual se codificam (recebem), armazenam (retêm) e recuperam (acessam) as informações.

Há ainda uma distinção entre memória de curto prazo e a de longo prazo. A primeira lida com informações que precisam ser processadas muito rapidamente, durando entre 15 e 25 segundos. São informações necessárias para operar a vida cotidiana, elaborar raciocínios e tomar decisões. Já a memória de longo prazo pode reter informações por um tempo indeterminado, e em alguns casos por toda a vida, a depender de como a informação foi armazenada e, mais importante, recebida.

Focar nessa condição da memória resultará em novas conexões neurais e proporcionará terreno fértil para aquisição de conhecimentos. Para tanto, considerar que uma experiência será o mais completa possível quando envolver os sentidos (olfato, paladar, tato) e permitir acionar os sentimentos e emoções (música, oficinas, histórias).

OS MOVIMENTOS DA HUMANIDADE

Os deslocamentos sempre fizeram parte da história humana. No início, como uma espécie nômade, buscando melhores locais para alimentação e garantia da vida, chegamos a todas as regiões do planeta. O sedentarismo, possível a partir do desenvolvimento da agricultura, deu-se somente entre 10 e 12 mil anos atrás (HARARI, 2017). Porém, esse impulso por movimento ficou gravado em nosso inconsciente. Mesmo pautados na segurança e rotina dos agrupamentos, permaneceu o “desejo” de vivenciar o “novo” — lugares, emoções e aventuras.

O autor Leo Huberman (2016) ilustra claramente esta característica humana em conquistar o novo, citando o período das grandes navegações no século XV:

Basta conhecer o nome de uma das primitivas e mais famosas das novas companhias: “Mistério e Companhia dos Aventureiros Mercadores para a descoberta de regiões, domínios, ilhas e lugares desconhecidos”. (HUBERMAN, 2016, p. 70.)

Certamente revela o espírito humano e sua natureza pela descoberta.

GRANDES EXTENSÕES A SEREM PERCORRIDAS...

Após a configuração de grupos socialmente organizados e pertencentes a determinado território, as viagens tinham predominantemente razões econômicas (trocas comerciais), religiosas, de saúde, políticas ou de estudo. Sua prática permitiu o encontro de sociedades distintas, proporcionando assimilação cultural e tecnológica por essas sociedades.

Não é à toa que as histórias e relatos antigos mais conhecidos até hoje nos contam sobre viagens, caminhadas e até o puro flamar como instrumentos que posteriormente trazem uma “ascensão” do indivíduo, seja a quebra de antigos paradigmas, a descoberta de diferentes visões da realidade, novas tecnologias, e por último e mais potente, o próprio autoconhecimento. Alguns exemplos:

Uma das histórias mais antigas das quais temos registro é a *Epopeia de Gilgamesh*. Cunhada pelos sumérios provavelmente há mais de três mil anos, narra a vida do rei Gilgamesh, de Uruk, que, após se mostrar tirano e cruel, parte em uma jornada que “ultrapassa as fronteiras do mundo” para encontrar o segredo da vida eterna. Ao final, entende a efemeridade da vida e se torna um monarca melhor.

... a ação se fecha então como se abrira: a descrição de Uruk e suas muralhas, sugerindo-se que aquilo que o tirano traz consigo na volta não é algo material, mas sim a certeza de que a vida humana, ainda que breve, tem seu lugar no espaço de convivência com outros homens. (SIN-LÉQI-UNNINNI, 2017, p. 8.)

Outro poema muito conhecido, este grego, é a *Odisseia*, de Homero, datada do século IX a.C. Descreve a viagem empreendida pelo rei Ulisses que, após passar dez anos em batalha contra Troia, leva mais dez anos para retornar a sua Ítaca. Nesse percurso, após passar por toda sorte de acontecimentos e encontros com seres míticos, é permitido a ele alcançar a condição de herói.

Na saga de Ulisses, considerando aquilo que os gregos denominariam “destino”, o herói é enviado por sua protetora, Atena, deusa da guerra, mas também da sabedoria, em uma missão que vai além do resgate da infiel Helena: sua jornada é a da própria evolução e transformação em herói. (MARTINS, 2010, p. 7.)

Já o período das grandes navegações provocou uma onda de expedições de estudo, com grande produção científica, artística e literária. Charles Darwin esboçou as primeiras observações que, após quase cinco anos viajando a bordo do *Beagle*, embasariam sua teoria da evolução, consolidada na obra *A origem das espécies*.

... PEQUENAS DISTÂNCIAS A SEREM USUFRUÍDAS

Até agora descrevemos os grandes movimentos humanos — mas quão potentes podem ser os trechos percorridos em nosso dia a dia?

Aristóteles, um dos filósofos gregos mais conhecidos da atualidade, ensinava seus discípulos enquanto caminhavam pelos *peripatos*. Hoje infelizmente saímos muito pouco das salas de aulas, mesmo com todo o potencial pedagógico dos passeios, conhecido há milhares de anos.

Outros filósofos e escritores — como Kant, Rousseau, Nietzsche e Rimbaud — também recorreram à caminhada, não com alunos, mas como forma basilar de estudo. Cada um tinha uma característica particular: as caminhadas de Rimbaud eram dispersas e desorganizadas; as de Nietzsche beiravam a marcha; já Kant era metódico e sistemático — andava todos os dias à mesma hora, na mesma rota. Em comum, todos se utilizavam da técnica para fazer suas ideias fluírem de maneira livre e em plena natureza.

OS GRAND TOURS E O INÍCIO DO TURISMO MODERNO

Mas há um momento em que o viajar ganha outro patamar de importância, principalmente entre nobres e jovens de famílias abastadas da França e da Inglaterra. Esse período, que teve início no século XVIII e atingiu seu ápice no século XIX, foi marcado pelas viagens de estudos, as chamadas “viagens dos cavaleiros”, posteriormente conhecidas como *Grand Tours*.

Tratava-se de viagens de jovens aristocratas ingleses, do sexo masculino, educados para carreiras de política, governo e diplomacia, que, para complementarem os seus estudos, embarcavam numa viagem pela Europa, com duração de dois a três anos, regressando a casa quando a sua educação cultural estivesse completa. Era uma espécie de ritual educativo a que a nobreza britânica chamava o “Grand Tour”. Com o “Grand Tour”, o viajante passou a ser, pela primeira vez, um turista associando o lazer e a ânsia de conhecimento ao prazer da descoberta de países, monumentos, tradições, sabores e culturas diferentes. (MILHEIRO; MELO, 2005, pp. 115-6.)

Quando Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832) visitou a Itália pela primeira vez, escreveu que “uma pessoa inteligente recebe a melhor educação ao viajar” (TERRA, 2015). A ideia é que é possível compactar em pouco tempo o que se leva uma vida inteira aprendendo, além de despertar uma vontade de saber mais sobre o que se viu ou que ainda não se viu.

Atualmente, considera-se que essas viagens de estudo arcaram o início do turismo moderno, pois, alavancadas pelos avanços tecnológicos e pela substancial redução dos custos, foi possível se expandirem a outras classes sociais. Já em meados do século XX, se aproximariam mais do consumo instantâneo e padronizado de lugares, inclusive descolando-se da intenção de aprendizado.

A EDUCAÇÃO PELO TURISMO SOCIAL

Sem nos aprofundarmos nos conceitos do fenômeno do turismo, é necessária uma atenção especial no segmento do turismo social, modalidade adotada em maior ou menor grau em várias localidades do mundo.

O termo “turismo social” foi cunhado em 1948, para substituir a expressão “turismo popular”, até então utilizada. A mudança baseou-se na busca por um distanciamento da conotação pejorativa do termo “popular” e na intenção de salientar que o direito ao repouso e ao lazer é um direito essencial para todos, da mesma forma que o direito à vida, à saúde, ao trabalho, à habitação, à educação e à cultura e que sua concretização depende da responsabilidade da sociedade como um todo. (ROZEMBERG, 1996, p. 69.)

No Brasil, o Sesc — Serviço Social do Comércio — promove essa modalidade de turismo desde 1948 no estado de São Paulo, hoje consolidada como um programa de ação nacional. Neste percurso, vem aprimorando as práticas e conceitos da área, por meio de constante observação e avaliação das ações, inovações, pesquisas e intercâmbio com outras instituições promotoras. Para o Sesc-SP, o turismo social é

realização de vivências turísticas orientadas para o encontro dos participantes com o conhecimento e a diversidade e oferecem, por meio da mediação sociocultural, a possibilidade de desenvolvimento de suas habilidades intelectuais e físicas, do exercício do protagonismo, da convivência e da cidadania e de interação entre indivíduos e entre indivíduos e ambiente. Tem como diretrizes centrais a democratização do acesso, a educação para e pelo turismo, o protagonismo dos participantes e a operacionalização ética e sustentável. (SESC, 2015, p. 158.).

Na perspectiva da educação pelo turismo, por meio das atividades interpretativas, as experiências são vistas como momentos de desenvolvimento de conteúdos e aquisição de conhecimentos.

À LUZ DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Ao analisar as visitas e passeios como um potente processo de aprendizagem do indivíduo, é necessário um entendimento mais aprofundado do conceito de educação não formal e permanente e sua relação com a cultura.

A partir da compreensão de que os processos educativos se desenvolvem de forma permanente, para além do ambiente e da lógica escolar, resalta-se a aproximação entre os campos da educação e da cultura, compreendendo esta em sentido expandido, relacionado aos modos diversos de ser, conviver e se expressar. (Idem, 2015b, p. 17.)

Assim, a educação permanente possui três dimensões principais: complementaridade (ao ensino formal das escolas), continuidade (ocorre durante toda a vida) e não-formalidade.

E perante a esta não-formalidade é possível extrair da vivência tudo aquilo que nos interessa em termos de um aprendizado descompromissado e voluntário, o que não significa esvaziado em conteúdo ou menos importante do que a educação escolar, porém que considere o caráter lúdico e agradável da ação. Deve ser flexível o bastante para permitir a transversalidade de conteúdo em diferentes espaços e tempos. Precisa entender os saberes e fazeres como um traço cultural repleto de significados.

Atentando a esses conceitos, é fundamental considerar aquele que aprende também como sujeito da produção do saber, que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção, como nos ensina Paulo Freire (1998). Para obter uma “dialogicidade verdadeira”, os sujeitos que participam da mesma ação devem perceber que todos são possuidores de conhecimentos e de uma biografia que não pode ser ignorada ou ter sua importância diminuída no processo pedagógico.

PASSEANDO COM A ANTROPOLOGIA

Passar pelos locais é diferente de passear. Passamos todos os dias por determinados trajetos. Se a velocidade é a do carro, obtém-se familiaridade, mas pouco conhecimento, sobretudo de suas nuances, sons, cheiros e detalhes, moradores e trabalhadores.

Sim, é possível passear, mesmo onde você mora.

A antropologia urbana (ou observação participante) ensina maneiras de tornar essa experiência direcionada uma prática (MAGNANI, 2018).

Como define Magnani, o que a antropologia urbana

se propõe é identificar e descrever modos de vida atuais — assim, no plural — que sustentam e supõem diferentes modalidades de organizar o que parece ter um sentido unívoco: trabalho, lazer, tempo livre, tempo obrigatório. Essa é uma tarefa que os antropólogos estão acostumados a fazer, por meio do método etnográfico, (...) de perto e de dentro. (Idem, pp. 26-7.)

Assim é possível observar o modo de vida e as modalidades de lazer de determinada população. Para a antropologia, há um direcionamento e uma intencionalidade muito bem definida. Já para o “passeante”, é

um usufruto qualitativo do seu momento de lazer, que também será de aprendizado.

APRENDEMOS COM OS OUTROS — A MEDIAÇÃO

Segundo Vygotsky (2007), toda a relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos e da linguagem. O verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o indivíduo.

No processo de aprendizagem, é o mediador que se ocupa dos conceitos, interpreta as relações, levanta hipóteses sobre a leitura e faz interferências do repertório pessoal (PINTO, 2009).

Mas como seria essa mediação? Jean Davallon (2007), em seu texto “A mediação: a comunicação em processo?”, debate as dificuldades de definir o termo e a necessidade de apresentar algumas formas práticas de como realizá-la.

Pode-se então pensar que mediação é a

ação de servir de intermediário, ou de ser o que serve de intermediário. É a ideia de que esta ação não estabelece uma simples relação ou uma interação entre dois termos do mesmo nível, mas que ela é produtora de qualquer coisa mais. (DAVALLON 2007, p. 7.)

Para o autor, há três diferentes dimensões da mediação: a “mediação pedagógica”, recurso utilizado pela educação formal, na qual o formador toma o lugar de mediador, principalmente com objetivos pedagógicos e conteudísticos bem definidos; a “mediação cultural”, realizada, sobretudo pelos profissionais de instituições culturais e espaços públicos; e a “mediação social”, que trata do efeito das novas tecnologias.

Ao final da ação, o objeto, o ator e o sujeito sofrem uma modificação devido à interação num outro contexto, sem que aqueles que dele participam possam ter controle sobre ele, e essa pode ser apontada como uma das maiores riquezas do processo.

Ao sermos mutuamente “afetados”, no instante da interação é estabelecido um “novo” conhecimento, ou segundo Ferres (1993), um processo de diálogo e recriação da realidade, uma “mestiçagem”, e que, portanto, pressupõe encontros e desencontros, atrações e afastamentos, conjunções e disjunções, conformações e enfrentamentos, de maneira súbita e sucessiva, entre os elementos presentes.

QUEM É, ENTÃO, ESSE TAL *MEDIADOR*?

De forma didática, é possível entender a evolução do conceito pelos atributos esperados do sujeito que medeia os espaços culturais ao longo das décadas.

Primeiro surge a figura do “guia”, que sabia uma enorme quantidade de informações enciclopédicas (datas, nomes, fatos) — este tipo de visita guiada pressupunha a “cegueira do público e ignorância total”. Em seguida surge o “monitor”, que já não determinava tantos limites para o espectador, mas o comandava dentro do espaço, o que aniquila as múltiplas possibilidades de interpretação dos objetos artísticos; “a explicação assassina a fruição estética” (PINTO, 2013).

Hoje entende-se que este papel dever ser feito pelo “mediador”, aquele que se relaciona dialogicamente com o visitante, atraindo-o por meio de sua própria contextualização; é menos a pessoa que transmite conteúdos e mais alguém que estimula o público a estabelecer algumas relações do seu próprio modo (ibidem).

Essa reflexão é fundamental ao sujeito que abraça a tarefa de transmitir informações e estímulos de maneira que não esgote a capacidade de absorção do sujeito, mas dosada ao ponto de permitir que o indivíduo reflita e amplie seu repertório por meio da cognição. Deve ser “generoso” para com o outro e preocupado em estabelecer uma relação de troca, sem a qual a experiência pode ser desastrosa ou infrutífera.

O que se espera é que um repertório ampliado paulatinamente possibilite ao sujeito uma leitura de mundo mais completa e não autocentrada. A capacidade de transcender para outras realidades é enriquecida na medida em que estabelecemos conexões cada vez mais complexas destas vivências.

HÁBITOS: ÓCIO E TEMPO LIVRE

Por vezes, pode-se considerar que a falta de direcionamento e orientação pode significar riqueza da experiência, quando o indivíduo pode livremente escolher onde quer ir, o que observar mais demoradamente, o tempo da fruição. Neste caso, os estudos de ócio, como experiência individual, demonstram que as pessoas devem aproveitar esses momentos não somente como descanso mental, mas como ocasiões com alto potencial para o exercício criativo. E essa prática somente se dá no tempo livre das pessoas.

Uma das barreiras a esse exercício é a sua concorrência com todos os outros consumos que rivalizam em nosso tempo livre, aliada ao fato de

que em nossa sociedade contemporânea não há espaço para o ócio; nosso tempo deve ser totalmente utilizado e “comprado”. Assim, o simples flânar pode ser visto como uma atividade despojada de sentido, quase um “nada fazer”.

Ao procurar dados sobre o uso do tempo livre pelas pessoas e sua relação com as práticas culturais, é possível verificar que o acesso à cultura tradicional é extremamente desigual entre pessoas de diferentes níveis socioeconômicos, de escolaridade e renda, faixa etária e território domiciliar (BOTELHO, 2004).

Mesmo não envolvendo diretamente restrições econômicas,

o isolamento e o baixo nível de informação — propiciado pela falta de convívio com a própria cidade — podem ser considerados como fatores que prejudicam a relação com o mundo exterior. (Ibidem, p. 6.)

Pesquisas em diversos países nos mostram quão difícil é para o indivíduo que não possui o costume familiar de apropriação de certas manifestações culturais criar novos hábitos. Nesse sentido, as escolas e instituições têm o potencial de emancipar esse sujeito, ao ampliar suas opções e gostos e expandir seu repertório.

AS POTENCIALIDADES DO MEIO DIGITAL

Da virada do século XXI para cá, novas tecnologias de comunicação adentraram progressivamente o cotidiano das pessoas, tornando-se cada vez mais presentes, indispensáveis, inteligentes e conectadas ao mundo físico; com a finalidade, sobretudo, de oferecer uma experiência personalizada, mais produtiva e intuitiva. Manifestadas principalmente em dispositivos pessoais digitais, essas tecnologias geraram transformações nos processos comunicativos organizacionais, internos e externos, ampliando as possibilidades de diálogo com os diversos públicos.

Essas mudanças alcançaram diversas extensões da vida humana; das relações interpessoais até os hábitos de consumo, todas as esferas de convívio foram modificadas e afetadas pela capacidade de interação dos novos dispositivos. Dessa maneira, é possível observarmos que a transposição dessa realidade se deu também no campo cultural. A internet e, principalmente, sua lógica aplicada aos smartphones ocupam hoje um espaço cada vez maior no que diz respeito às trocas culturais.

Um dos aspectos mais notáveis dessa transformação é a proximidade que realizadores, produtores e gestores de cultura têm hoje com seu público, por meio das redes sociais. No entanto, por mais que muitos artistas e iniciativas já consagradas sigam mantendo a popularidade na era digital, observamos também uma ascensão de novos rostos impulsionados pela lógica de publicação das redes, relativamente mais autônomas que os meios de massa que dominaram o século XX, como a televisão e o rádio.

As redes sociais, a chamada internet 2.0 e a ampliação e popularização de softwares de edição, gravação e publicação, colocaram o protagonismo nas mãos dos usuários, e aumentaram as possibilidades de criação artística na rede. Hoje um número cada vez maior de novos músicos, fotógrafos, ilustradores e afins tem seus trabalhos disponibilizados e admirados por seguidores dentro de nichos específicos.

Outra decorrência da crescente onda tecnológica é a digitalização de bens culturais. Uma pintura ou um álbum musical deixam de existir somente enquanto objetos físicos e obtêm uma réplica digital, um código binário virtual que se materializa em suportes digitais. A distribuição de arquivos digitais de áudio, por exemplo, teve tamanho impacto que forçou a indústria fonográfica a repensar sua lógica comercial. Grandes empresas que não souberam se adequar a este novo panorama saíram do mercado; enquanto artistas independentes encontraram na rede uma conexão direta com seu público potencial, evitando os tradicionais mecanismos da indústria. Agora é possível ter acesso a uma infinidade de produtos culturais em apenas um dispositivo, diminuindo os valores investidos pelo usuário em reprodutores sonoros e afins.

Esta mesma lógica pode ser aplicada em outras esferas da produção cultural. A digitalização possibilita a difusão, por exemplo, de informações antes restritas a determinados espaços museológicos e expositivos, bem como, em certa medida, potencializa as propostas dos curadores e conservadores ao criar dispositivos que possam colaborar com as ações de mediação do acervo *in loco*. Muitos museus e instituições passaram a disponibilizar reproduções digitais em alta resolução de suas peças, bem como a firmar parcerias com o objetivo de propagar o conhecimento acumulado por meio de ações nas redes. A produção antes feita exclusivamente em centros de pesquisa físicos, podem hoje ser realizadas colaborativamente em ambientes online. A velocidade que a internet proporciona aproxima pessoas e facilita a transmissão e compartilhamento de dados.

Fora da lógica da indústria, a ampliação do acesso a bens culturais revelou outra face importante no que tange a processos educativos formais e não formais. A digitalização e universalização de acervos importantes

e o surgimento de novas propostas pedagógicas em formato de plataformas e serviços audiovisuais levou estudantes a procurarem suas fontes de aprendizado independentemente do vínculo com instituições de ensino, e a própria grade curricular do ensino formal tradicional passou a ser questionada face ao panorama transdisciplinar proporcionado contemporaneamente. Tutoriais, vídeos, acervos digitais e e-books se mostraram tão importantes quanto as estruturas formais, e não por acaso já é possível frequentar um mesmo curso, seja online seja presencialmente, para receber o mesmo certificado ao seu término (GRUBER; GAHN, 2009). Essa noção foi confirmada e extrapolada no cenário pandêmico vivido em 2020/2021, no qual as estruturas tradicionais tiveram que lidar de maneira inescapável com os processos do ensino a distância e as novas ferramentas disponíveis.

Por outro lado, mesmo com os celulares, tablets, computadores e outros recursos presentes nas diversas classes sociais, acrescidos do grande número de possibilidades e potencialidades que estes proporcionam, as lógicas de interação do meio digital estão permeadas pelo uso quase exclusivo das redes sociais. Segundo dados da pesquisa *TIC Domicílios 2019*, 58% dos brasileiros possuíam acesso à internet em 2019, sobretudo por meio do telefone celular, além disso o estudo revelou que a conexão estava disponível em 71% dos lares. Os números são expressivos quando analisamos as possibilidades e contextos de utilização. A ampliação do acesso por meio de smartphones permitiu que mais brasileiros tivessem acesso à internet; em contrapartida, a limitação de planos de dados nos tornou dependentes dos grandes conglomerados de comunicação e interação formados à luz das novas tecnologias (EVANGELISTA, 2019). A partir dessa premissa, se faz necessário pensar o uso dos dispositivos fora da lógica das redes sociais, de maneira a explorar suas potencialidades como ferramentas de aprendizagem e acessibilidade.

Considerando as transformações propiciadas pelo ambiente digital nas últimas décadas, bem como sua recente distribuição, é natural entender que a tecnologia pode interferir de maneira benéfica nos processos de mediação de passeios e visitas guiadas. Essas mudanças podem ser entendidas em dois aspectos básicos: a tecnologia como suporte da ação presencial, e a tecnologia como ação em si, que se encerra em seu próprio meio virtual. Além desses dois fatores, podemos considerar sua contribuição na transferência do protagonismo. Ou seja, em vez da lógica do artista enquanto “gênio” distante imortalizado pela crítica e pelo sistema das artes, temos hoje o indivíduo no centro de suas próprias criações e narrativas.

A internet e a popularização de dispositivos portáteis contribuíram justamente para a criação dessa noção de protagonismo. Por exemplo,

é comum, ao caminhar, parar, tirar uma foto e criar uma postagem a partir desta. A esse conteúdo pode ser atribuído um valor, que será reconhecido pelos seguidores. Esta abordagem é particularmente útil em saídas fotográficas, como estímulo ao olhar. Esse é, no entanto, apenas um dos fatores que demonstram a potencialidade das novas tecnologias no processo de mediação. Neste cenário, o fluxo aproveita a capacidade das redes de construir narrativas e funcionar como suporte para a ação presencial.

A utilização das ferramentas digitais como forma de mediação pode ir além. A digitalização de acervos e sua difusão podem contribuir para a construção de um novo entendimento sobre as noções de patrimônio. É o caso da página “São Paulo Antiga”, uma iniciativa digital que se dedica a investigar construções anteriores à década de 1980, ainda de pé na cidade, bem como digitalizar e pesquisar materiais ligados à história do município. Hoje transformada em Instituto, a página conta com quase 100 mil seguidores, e podemos afirmar que realiza um trabalho de mediação e construção de memória.

O ponto de inflexão entre o universo digital e, por exemplo, a mediação de acervos, ainda é um campo em pleno desenvolvimento. A maior parte dos estudos sobre o assunto apenas trata das questões sobre processos de digitalização e preservação de acervos, como forma de garantir acessibilidade. No entanto, podemos observar que existem mais possibilidades nessa temática que apenas seus aspectos técnicos; poucas são as reflexões acerca da difusão desse material, para além da simples tarefa de garantir o acesso. Como estimular seu uso, dentro da lógica das redes, ainda parece ser um desafio a ser encarado pelos mediadores e curadores.

O uso de tecnologias, e mesmo das redes sociais, “mostra-se como fator básico para condução e ampliação do acesso à informação e aos bens culturais, e para a conservação destes” (ABRANTES, 2014). No entanto, as potencialidades das ferramentas não podem estar restritas apenas ao cumprimento de uma função de acessibilidade técnica; o meio digital pode funcionar também como ambiente para a realização de atividades, por meio de ações que considerem um misto de acervos e dispositivos interativos, seja como complemento ao meio físico, seja como ambiente em si.

No entanto, essa utilização qualificada pode entrar em choque com as antigas práticas de visitação e mediação. Muitos espaços culturais, museus e instituições ainda proíbem o uso de celulares e dispositivos durante as visitas, um resquício de períodos anteriores, em que o aparato tecnológico desempenhava um papel menos importante ou inexistente nos processos de aprendizagem.

O efeito é positivo no que diz respeito à contribuição do digital na construção da memória e das noções de patrimônio, em razão da ampliação de acesso (RAMIRES, 2019). Isso quando pensamos em uma lógica que privilegia o fluxo do presencial ao digital, ou seja, o fluxo recente pelo qual passamos nas últimas décadas. Para as gerações nativo-digitais, as questões de patrimônio e memória já estão intimamente ligadas ao ambiente virtual, dessa forma é natural que as fronteiras entre um e outro sejam borradas e se tornem mais tênues.

Nesse contexto, em razão da ampliação do acesso, há cada vez mais distensão sobre a permissão dos dispositivos no interior dos espaços físicos de museus e afins. No entanto, essa possibilidade é subaproveitada, já que a utilização de smartphones e tablets privilegia postagens no Instagram, Facebook e similares, que, embora ajudem a impulsionar e divulgar ações — seja no âmbito dos perfis pessoais de frequentadores, seja em páginas oficiais das próprias instituições —, estão longe de explorar as possibilidades que as ferramentas oferecem.

A pluralidade e velocidade das novas tecnologias, bem como o crescente interesse de profissionais na área do desenvolvimento para web (BEZERRA, 2019), apontam, no entanto, para um futuro promissor sobre o uso das redes aliado a conceitos de mediação e curadoria. Pontualmente, museus e instituições no Brasil têm elaborado ações nesse sentido para enriquecer a experiência presencial de suas mostras, como é o caso das iniciativas Visita Virtual 360 do Museu Casa de Portinari; o aplicativo de Realidade Aumentada no Museu Histórico Nacional; e a Inteligência Artificial Watson, aplicada à exposição “A Voz da Arte”, na Pinacoteca de São Paulo (ROSA, 2017); e da mais recente exposição Biblioteca à Noite, realizada no Sesc Avenida Paulista. Em outros casos, como o do “Google Arts and Culture”, a utilização de tecnologias é uma ação em si que permite a mediação digital de acervos de instituições mundo afora sem que o participante saia de casa.

ENTÃO, COMO FAZER?

Não é intuito deste estudo esgotar todas as formas possíveis de valorizar e potencializar uma vivência com deslocamento, mas serão citados alguns exemplos que conduzem às reflexões do que é possível oferecer.

Várias pesquisas devem anteceder a ação. Primeiramente, deve-se pensar qual é a sua intencionalidade, para depois começar a definir seu formato, profissionais e locais a serem envolvidos. Pode-se inclusive afirmar que as questões operacionais têm a mesma importância das questões

conceituais da visita — não haverá uma fruição plena se ocorrerem problemas durante o “percurso”.

Já foi destacado o papel do mediador como imprescindível para o sucesso da vivência, o qual irá traçar o fio condutor em toda a ação. Além das características já descritas, a mediação poderá recorrer a profissionais de diversas áreas para contribuir com a ação: guias de turismo, educadores culturais, historiadores, antropólogos, biólogos, artistas, artesãos, professores, moradores locais, líderes comunitários etc., promovendo o aprofundamento na temática escolhida. Essas pessoas poderão estar presentes durante todo o tempo da atividade ou atuar em momentos específicos, como uma visita orientada, bate-papos e rodas de conversa.

Ao destacar o tema ou conteúdo a ser trabalhado, é necessário levantar os locais pertinentes para sua execução, pois, se não são decisivos, têm grande importância na motivação dos participantes. A escolha será feita considerando alguns aspectos, tais como sua significância (histórica ou simbólica) para o desenvolvimento do tema, localização geográfica, facilidade de acesso, arredores, horários de funcionamento, cobrança de ingressos etc.

O local ou espaço é o que concentra a “ideia” ou “tema” da vivência, seu núcleo condutor. Seja um bairro, rua, equipamento cultural, monumento ou local de algum acontecimento histórico, é ele que proporciona a imersão necessária para o desenvolvimento de determinado assunto. Mesmo sem a presença de algo concreto, como um edifício ou monumento, pode-se recorrer à simbologia do local como palco de algum evento histórico — é provável que as pessoas vivenciem algo de extraordinário, levadas por sua imaginação e pelos sentimentos relativos à época mencionada.

É indispensável avaliar as questões mínimas de infraestrutura e o cuidado com as pessoas (transporte, presença de sanitário, pausas, locais para alimentação etc.), garantindo a segurança física e psicológica

Considera-se altamente desejável a inclusão da “experimentação direta”, e não só contemplativa, tais como aulas abertas e oficinas, que despertam, além do aspecto cognitivo, outros sentidos e sentimentos e dinamizam as vivências. Atrelado a isso, incentivar a participação em apresentações e intervenções artísticas promove novas formas de fruição e aproximação do público com as manifestações artísticas.

Destaca-se também a utilização de materiais de apoio. Pode-se recorrer a uma pluralidade de instrumentos: descritivos com informações sobre o tema e locais visitados, mapas, vídeos, livros, fotos, músicas, cardápio específico, entre outros, que complementam a experiência. Outra estratégia que poderá ser estimulada são os “cadernos de viagem”, onde são

anotadas impressões e informações individuais. E completando, é esperado, ainda, oferecer “dicas” para posterior consulta dos temas abordados

Importante ponderar a temporalidade. Se será uma atividade eventual, com começo meio e fim num curto espaço de tempo, ou processual, na qual várias atividades encadeadas são oferecidas com o intuito de aprofundar conceitos. Seja qual for, é indispensável que seja realizada de forma tranquila e sem pressa, permitindo contemplação e garantindo que a experiência seja satisfatória e usufruída de maneira plena.

Incluem-se ainda os circuitos autoguiados, que promovem a autonomia dos participantes para a realização de passeios, subsidiados por algum tipo de material de mediação, tais como mapas e audioguias, reforçando o protagonismo e a participação ativa dos interessados.

Ao final, realizar avaliação (oral ou escrita) junto aos participantes, com indicadores que permitam a análise mais aprofundada, é uma prática fundamental para compreender o alcance da ação para as pessoas e fornecer subsídios para possíveis alterações, necessárias ou qualitativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o princípio, a humanidade entendeu que os deslocamentos faziam parte de seus expedientes mais intrínsecos. Ser e estar eram condições que não necessariamente tinham a ver com fincar os pés em apenas um determinado lugar. Da lógica da sobrevivência das culturas nômades até a vida em apartamentos minúsculos na cidade, aprendemos que o movimento integra uma parte essencial da nossa existência, mesmo que seja apenas para ir ao trabalho.

Com o advento das noções de lazer e ócio, aprendemos a qualificar os momentos de deslocamento, transformando esta tarefa aparentemente simples em uma ferramenta em potencial para conhecer o mundo em redor e, por que não, a si mesmo. Fora das noções de centro e entorno, que colocam simplesmente o indivíduo como agente de uma narrativa egóica, estas caminhadas qualificadas mediadas (em grupo ou individualmente) podem contribuir para a criação de conceitos como diversidade e comunidade. Uma troca que parte de si para os outros, e retorna.

O desafio é: entendendo isto como uma possibilidade de transformação social, como podemos trabalhar dentro do campo da gestão cultural para criar ferramentas que deem conta de seu potencial? E mais, como podemos incluir nesse cenário os fatores tecnológicos e entendê-los não como

uma barreira à interação, mas como dispositivos que podem colaborar na amplificação da mensagem? É justamente nesse aspecto que a figura do mediador se torna fundamental.

Ao agir como ponte, o mediador cria uma relação e deve fazer uso dos recursos que dispõe para que se cumpra os objetivos da ação. A diferença entre uma simples caminhada e uma caminhada mediada se dá justamente nesse ponto. A importância da figura do mediador, enquanto agente de transformação, é criação desses cenários possíveis (ou mesmo, imaginados) que diferenciam a experiência e conferem a ela novo significado, seja em ações presenciais, seja em ações digitais.

No campo das redes e da internet, a mediação pode ser crucial como um filtro que orienta em meio a uma enxurrada de informações. Presencialmente, a lógica se mantém. O mundo oferece muitas direções, e os estímulos estão por todo o canto. Treinar o olhar e aguçar os sentimentos pode ser um diferencial, tornando o aprendizado duradouro e significativo.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Andreza Rigo. *Tecnologias digitais como instrumentos de preservação do patrimônio urbano edificado*. Brasília: Iphan, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Andreza%20Rigo%20Abrantes.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- BEZERRA, Sabrina. “As profissões que estarão em alta no Brasil em 2020”. *Época Negócios*. Rio de Janeiro, (online), 23 dez. 2019. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2019/12/profissoes-que-estara-em-alta-no-brasil-em-2020.html>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- BLANCO, Leticia. “Andar nos ensina a desobedecer’ diz filósofo francês”. *São Paulo São*. São Paulo, (on-line), 19 set. 2015. Disponível em: <<https://saopaulosao.com.br/nossos-caminhos/670-andar-nos-ensina-a-desobedecer-diz-filosofo-frances.html#>>. Acesso em: 13 dez. 2019.
- BOTELHO, Isaura; FIORE, Maurício. “O uso do tempo livre e as práticas culturais da região metropolitana de São Paulo”. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: a questão social no novo milênio. Coimbra, CES, set. 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/IsauraBotelho_MauricioFiore.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- CETIC – Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. *TIC Domicílios 2019*. São Paulo: Cetic 2019.
- DAVALLON, Jean. “A mediação: a comunicação em processo?”. *Prisma.com* (Portugal), n. 4, pp. 4-37, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle>

- net/20.500.11959/brapci/61109>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- EVANGELISTA, Raphael. “Internet: liberdade é controle”. *lavits* – rede latino-americana de estudos sobre vigilância, tecnologia e sociedade, (on-line), 23 set. 2019. Disponível em: <<http://lavits.org/internet-liberdade-e-controle-por-rafael-evangelista/?lang=pt>>. Acesso em 17 Jun. 2020.
- FELDMAN, Robert S. *Introdução à psicologia*. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FRY, Richard; PARKER, Kim. “Early Benchmarks Show ‘Post-Millennials’ on Track to Be Most Diverse, Best-Educated Generation Yet”. *Pew Research Center*, Washington, (on-line), 15 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.pewsocialtrends.org/2018/11/15/early-benchmarks-show-post-millennials-on-track-to-be-most-diverse-best-educated-generation-yet/s>>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- GRUBER, Marion; GLAHN, Christian. “E-Learning for Arts and Cultural Heritage Education in Archives and Museums”. *KUKUK – Kunst, Kultur, Kommunikation*, 29 out. 2015. Online. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/283301043_E-learning_for_arts_and_cultural_heritage_education_in_archives_and_museums> Acesso em: 9 jun. 2020.
- HARARI, Yuval N. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. 30. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem: do feudalismo ao século XXI*. 22. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
- MAGNANI, José G. C.; SPAGGIARI, Enrico (org.). *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Edições Sesc, 2018.
- MARTINS, Maria Angélica S. R. “A odisseia de Ulisses: o homem e o mito”. 5º Seminário Nacional “O professor e a leitura do jornal”. Campinas, jul. 2010. Disponível em: <https://alb.org.br/arquivo-morto/porta1/5seminario/PDFs_titulos/A_ODISSEIA_DE_ULISSES_O_HOMEM_E_O_MITO.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- MAYERS, David G. *Psicologia*. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- MILHEIRO, Eva; MELO, Carla. “O Grand Tour e o advento do turismo moderno”. *Aprender*, Portalegre, dez. 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/261632848_O_Grand_Tour_e_o_advento_do_turismo_moderno>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- PIAGET, Jean. *Biologia e conhecimento*. 2. ed. Vozes: Petrópolis, 1996.
- PINTO, Júlia Rocha. *A temporalidade da mediação: reflexões acerca das ações educativas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculo>>.

- s/0000000/000000000000C/00000C45.pdf >. Acesso em: 20 mar. 2020.
- _____. “O papel social dos museus e a mediação cultural: conceitos de Vygotsky na arte-educação não-formal”. *Palíndromo*, Florianópolis, v. 4, n. 7, maio 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3341>>. Acesso em: 26 fev. 2020.
- RAMIRES, Julio Cesar de Lima. “Ciberespaço e patrimônio cultural digital: algumas reflexões”. *PatryTer*, Brasília, v. 2, n. 3, pp. 26-36, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/patryter.v2i3.22109>>. Acesso em: 19 Jun. 2020.
- ROSA, Alahna Santos da. *Crescente tecnológica nos museus: estratégias digitais aplicadas às experiências museais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177705>>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- ROZEMBERG, Jacob Eduardo. “Turismo social e seu papel transformador”. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, pp. 171-4, abr. 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/8033/6809>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- SESC – Serviço Social do Comércio. *Turismo Social. Cadernos Sesc de Cidadania*, São Paulo, ano 2, n. 7, 2011.
- _____. *Realizações 2014*. Administração Regional no Estado de São Paulo. São Paulo: Sesc, 2015.
- _____. *Plano de trabalho 2015: a educação permanente dialoga com o conceito de cultura*. Administração Regional no Estado de São Paulo. São Paulo: Sesc, 2015b.
- SIN-LÉQI-UNNÌNNI. *Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgámesh*. São Paulo: Autêntica, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=OolDDwAAQBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- TERRA Notícias. “Turismo surgiu no século XIX com barcos a vapor e trens”. *Terra Notícias*, 30 set. 2015. Disponível em: <<https://bityli.com/MGc4uY>>. Acesso em: 20 dez. 2019.